



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

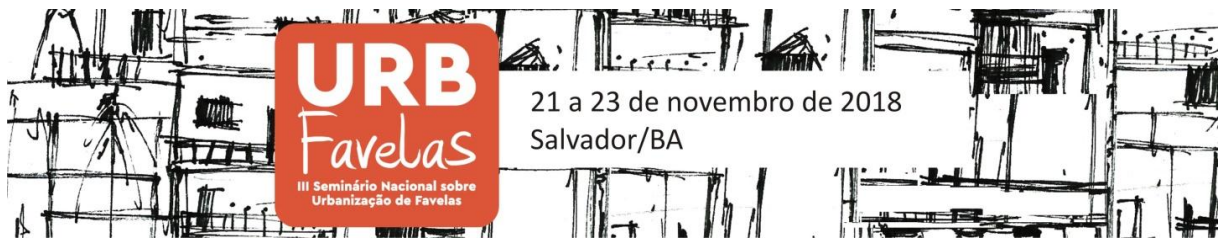
AFETOS (IN)VISÍVEIS: FORMAS DE INTRODUÇÃO E APREENSÃO UTILIZADAS NAS
COMUNIDADES FLECHAL DE CIMA E GROTA DA ALEGRIA, EM MACEIÓ/AL.

Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro (UFAL) - karolcorado@gmail.com

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFAL (2018) e atualmente aluna especial do programa de pós graduação do DEHA/UFAL (2018); Pesquisadora pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem(UFAL) e integrante do Coletivo Urbano AQUI FORA atuante em Maceió.

Alexandra Jane de Carvalho Freitas (UFAL) - alexandrajanepi@gmail.com

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFAL (2018).



AFETOS (IN)VISÍVEIS: Formas de introdução e apreensão utilizadas nas comunidades Flechal de Cima e Grota da Alegria, em Maceió/AL.

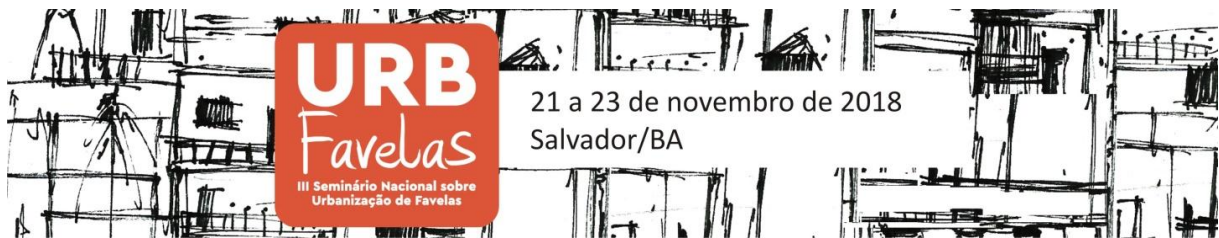
RESUMO:

O presente artigo objetiva demonstrar formas de introdução e apreensão derivadas de experiências realizadas entre os anos de 2017 e 2018, em duas comunidades que ocupam áreas de risco, localizadas na cidade de Maceió/AL. As áreas escolhidas para o desenvolvimento deste estudo, referem-se às favelas Flechal de Cima e Grota da Alegria, situadas em grotas. Ambas as comunidades compreendem aspectos sociais distintos, como: liderança comunitária, local de inserção na malha urbana e qualidade paisagística. Para tal, foram adotados métodos que contribuíssem na compreensão destes espaços de forma mais íntima, aplicando dinâmicas que se utilizam da visão lúdica, para desenvolver uma apreensão cognitiva que relaciona as formas de pensar, necessidades e comportamentos do morador, indo além da prática comum de identificar problemas e caracterizar o espaço. O trabalho possibilitou um comparativo entre situações similares com características individuais.

Palavras-chave:

Apreensão da paisagem urbana. Dinâmicas urbanas. Ocupação em grotas.

ST - 5: Outras Práticas Sociais em Favelas, Bairros e Assentamentos



1 INTRODUÇÃO

O modo como as cidades têm se formado evidencia uma notória dicotomia da maneira de habitar e utilizá-la. Em meio a uma paisagem urbana marcada pela desigualdade sócio espacial, característica das cidades brasileiras, cujos interesses privados se sobressaem em detrimento dos interesses coletivos, o investimento em infraestrutura para espaços públicos de qualidade ocorre principalmente em áreas já consolidadas. Enquanto isso, a segregação espacial afeta a população mais vulnerável em termos de rentabilidade econômica, ocupando normalmente áreas de menor interesse por parte do mercado imobiliário, que se resumem as periferias e regiões desprovidas de infraestrutura.

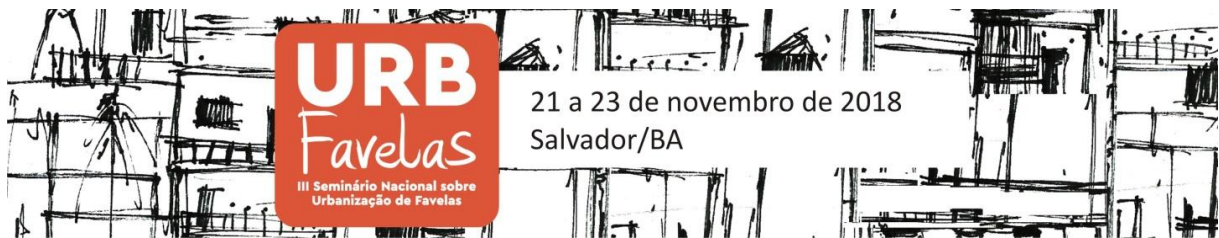
É possível observar na configuração da malha urbana o reflexo das deliberações políticas, bem como a negligência dos direitos das áreas periféricas da cidade espaiada. Estes lugares representam números expressivos quanto à espaços geográficos e socioeconômicos no Brasil, e um terço da população mundial, o que os reforça como a real parcela necessária a ser administrada.

Ao considerar os dados que quantificam e qualificam a população urbana, entende-se que do ponto de vista político, há uma polarização entre as dimensões da cidade considerada formal e informal¹, a primeira referente a parcela que detém sua urbanização de forma legal, com parcelamento do solo controlado e planejado, assumindo uma formação antagônica à concepção da segunda, denominados de assentamentos espontâneos ou aglomerados subnormais² pelo Estado. Entretanto, ao serem analisadas quanto às áreas da cidade que apropriam, as parcelas ditas informais muitas vezes ultrapassam em termos de proporção as áreas ocupadas dentro da formalidade, o que acentua a necessidade de rever a adequação das nomenclaturas apresentadas.

Os chamados aglomerados subnormais são comuns no espaço urbano do Brasil e do mundo, sendo por diversas vezes a grande parte da cidade, consideradas suas proporções

¹Segundo Rolnik (2000), a cidade informal é constituída pela população de baixa renda que por falta de oportunidade em ocupar espaços centrais na cidade, acabam por habitar em terras periféricas que são mais baratas por não possuir qualquer tipo de infraestrutura – e construir aos poucos suas casas, invadindo, por vezes, áreas ambientalmente frágeis. Vale ressaltar, que em diversos casos, a cidade informal representa uma extensão territorial e populacional maior que a cidade dita formal.

²Para o IBGE (2010), Aglomerado Subnormal é um termo utilizado para o conjunto de 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade, que podem apresentar irregularidade das vias de circulação/acesso e déficit de serviços públicos essenciais. Porém, por considerar este termo depreciativo em face à realidade dos moradores, o vocábulo não será adotado como expressão referente às comunidade.



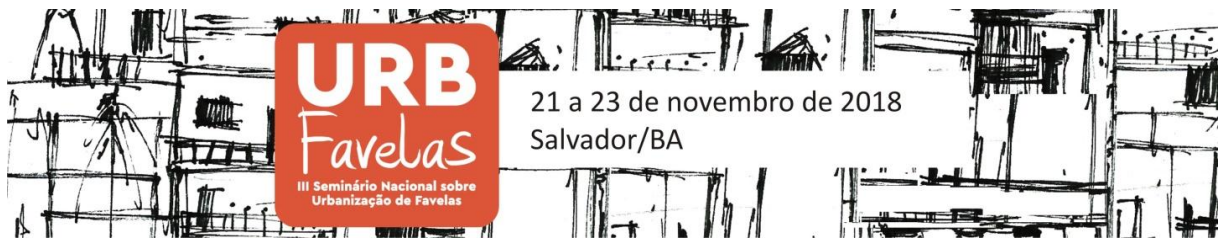
territoriais. Desse modo, faz-se pertinente utilizar o termo de comunidades estabelecidas, compreendendo que esta população se integra de forma consistente e não apenas provisória aos seus assentamentos. Dentre as tantas formas de ajuntamentos populacionais existentes em áreas sensíveis, este artigo volta-se para as comunidades estabelecidas em grotas, por se tratar de uma apropriação histórica da cidade de Maceió (AL), que progressivamente têm suas grotas ocupadas por comunidades precárias, com ausência de infraestrutura básica e serviços públicos.

Dados publicados pelo Ministério das Cidades (2007) afirmam que a região metropolitana de Maceió é entre as cidades da região nordeste, a que mais possui população residente em assentamentos precários, mesmo tendo sua população superior apenas à duas capitais nordestinas: Aracajú (SE) e Teresina (PI), ficando de Salvador (BA), Recife (PE), Fortaleza (CE), São Luís (MA), João Pessoa (PB) e Natal (RN). O IBGE (2010) estima que atualmente, 300 mil pessoas ocupem habitações irregulares na capital alagoana.

Ainda, é importante fazer a distinção entre grotas como uma característica ambiental e grotas como favelas. Em seu sentido geomorfológico, são regiões de fundo de vales estreitos e formas sinuosas, que possuem como característica natural a drenagem. Esta particularidade geográfica não é específica do estado de Alagoas. Podem estar preservadas ambientalmente com sua cobertura vegetal, como também podem estar ocupadas por comunidades como ocorre em parte significativa das áreas urbanas da capital alagoana.

Para o presente artigo foram escolhidas duas comunidades inseridas em grotas, na cidade de Maceió. A primeira localiza-se no bairro de Bebedouro, conhecida como Flechal de Cima. A outra encontra-se no bairro do Benedito Bentes, denominada Grotas da Alegria. Os critérios de seleção para a escolha dos locais foram definidos em três características distintas entre ambas. A primeira não possui uma liderança comunitária definida; encontra-se na proximidade da lagoa Mundaú, o que proporciona fonte de trabalho e renda local, e possibilita aos habitantes contemplação paisagística para a mesma; e por fim, encontra-se inserida na malha urbana garantindo uma facilidade no acesso às grandes centralidades da cidade, como o bairro do Centro. A segunda, por sua vez, possui liderança comunitária ativa e localiza-se em áreas de expansão urbana, assertiva que dificulta a locomoção de seus moradores às principais áreas de oferta de trabalho.

O foco do trabalho é perceber características das comunidades através da inserção com o uso de dinâmicas participativas, compreendendo que a utilização da visão alternativas da



arquitetura é pertinente para desenvolver uma apreensão cognitiva que relaciona as formas de pensar, necessidades e comportamentos do morador, indo além da prática comum de identificar problemas e soluções.

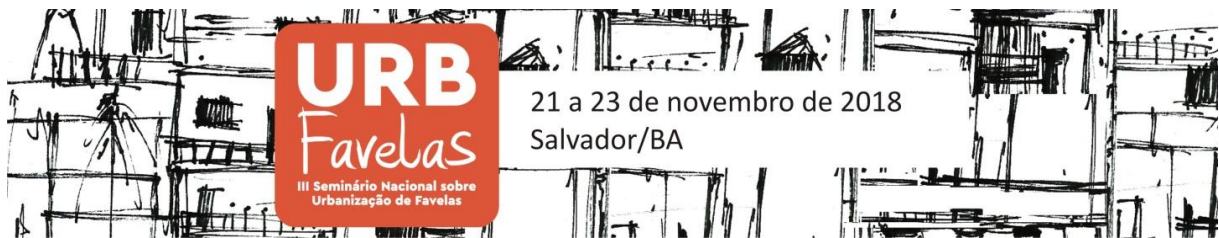
2 (SOBRE)VIVER EM COMUNIDADES INVISÍVEIS

Atualmente, as favelas constituem um organismo da sociedade que evidenciam questões acerca da exclusão social, das desigualdades e da marginalização de parte da população, caracterizando a segregação entre a cidade formal e informal. Obtendo seu surgimento, como uma resposta face às necessidades essenciais inerentes ao homem, para suprir, em síntese, a escassez de abrigo com boa localização urbana, próximos aos centros da cidade, capaz de oferecer oportunidade de emprego e renda.

São muitas as palavras que nomeiam essa situação no contexto urbano: favelas, assentamentos irregulares, assentamentos informais, slums. [...] As formas de alteração não são inocentes e procuram definir uma situação de alteridade em relação à ordem jurídico-urbanística dominante, representando uma multiplicidade de casos muito distintos. Porém, podemos afirmar que pelo menos no mundo urbano, esses espaços são marcados pela precariedade habitacional e por ambiguidades em relação à posse. (ROLNIK, 2015, p. 150).

Dessa forma, o que significa compor uma comunidade de favela caracterizadas pela inserção geomorfológica em grotas? Já que, a ocupação informal é por si só, marcada por problemas que destacam a fragilidade do local, apresentando como principais carências a ausência total ou parcial de serviços e infraestruturas públicas, como: rede de energia elétrica, água encanada e rede de esgoto. Pizzaro (2014), afirma que, estes espaços possuem condições mínimas de salubridade e habitabilidade, acarretando por vezes, em insolação e ventilação natural insuficiente, também dispõem de acessibilidade insatisfatória para uma transitoriedade adequada de ruas, calçadas e vielas.

Entretanto, para além das questões de infraestrutura urbana, apresentam-se no tema aspectos da segregação sócio espacial, evidenciados durante as dinâmicas citadinas, afetando a população mais vulnerável, que necessita das redes de vizinhança e do movimento local para suporte e relacionamento. Tais implicações, ainda vão além, ao restringirem acessos a pontos privados da cidade, cada vez mais comuns, com base em aspectos da estética e da renda.



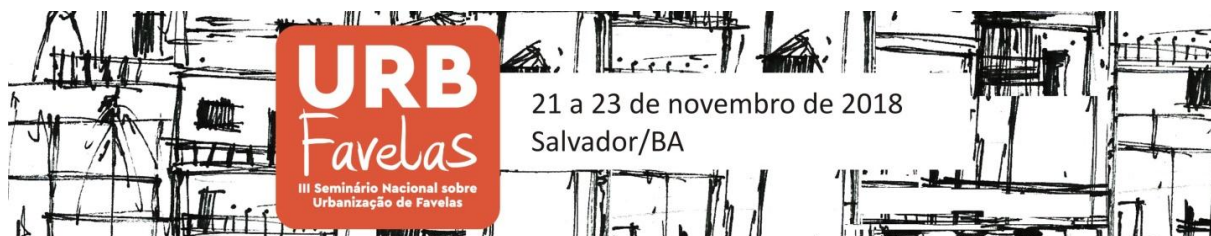
É interessante, pensar estes espaços, de forma a considerar as transformações existentes na malha urbana como um todo. A influência da mídia, por exemplo, ao supervalorizar a violência, direciona a utilização do espaço privado em lugar do público e ao tomar como verdade que não se deve viver certos lugares, cria-se um aprisionamento da cidade, que a todo momento nega o espaço público e afirma o espaço privado como a imagem do ambiente social cidadão.

Assim, a própria arquitetura se refaz neste outro parâmetro, e os espaços públicos passam a ser confinados, justificando a atitude das classes mais favorecidas que acaba taxando uma área inteira em razão da violência de uma minoria, enquanto que oculta esta violência dentro dos muros de condomínios fechados.

As comunidades estabelecidas em grotas possuem uma identidade espaço-temporal própria e ao mesmo tempo fazem parte do todo que é a cidade. Por vezes, têm suas práticas, intervenções e relações subestimadas, e, portanto, desvalorizadas como uma forma válida para os mecanismos da relação urbana. Contudo, Jacques (2003), caracteriza esta forma de habitação como fragmentária, onde ela é um reflexo de suas práticas e seu cotidiano, bem como a dinâmica desenvolvida e firmada no local.

Os fragmentos são construções inacabadas; o que elas têm de incompleto, de insuficiente, trabalho de decepção, é sua deriva, o sinal de que, nem unificáveis, nem consistentes, eles se deixam separar por marcas com as quais o pensamento, ao declinar e ao se declinar, imagina conjuntos furtivos que, ficticiamente, abrem e fecham ausência do conjunto, mas, definitivamente fascinado, não para, sempre mantido nunca pela vigília, nunca interrompida. (BLANCHOT, 1980, apud JACQUES, 2003. p.99).

Assim, estas comunidades revelam-se como um organismo vivo, intimamente ligadas com a ideia de movimento, possuindo seu usuário como construtor do espaço em concomitância às suas necessidades. Esta característica, suscita a necessidade de investigar o espaço a partir de sua forma de organização e interação, ao passo da conservação de seus espaços-movimento. A ideia de preservar o que se move é paradoxal, mas o movimento é natural e não pode ser inibido, portanto foram realizadas intervenções mínimas com seus indivíduos, na intenção de seguir o fluxo natural e espontâneo já existente em cada local.

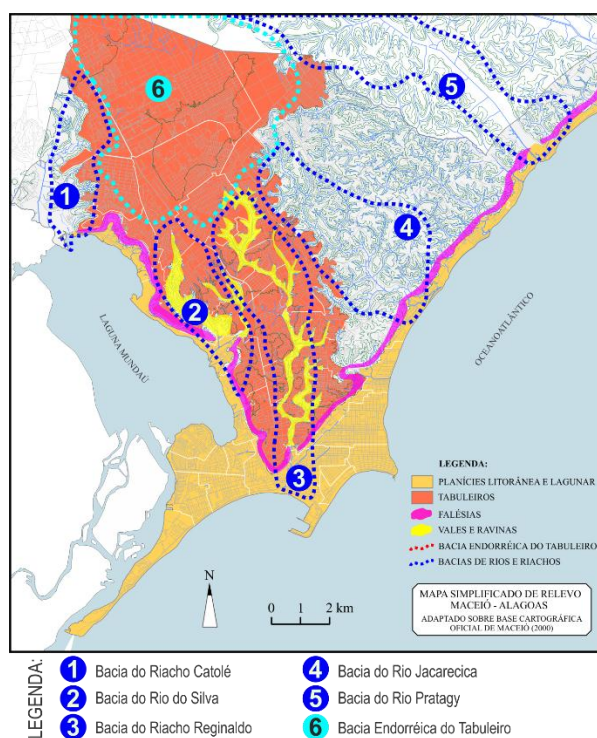


3 CONTEXTUALIZAÇÃO E INSERÇÃO NAS COMUNIDADES

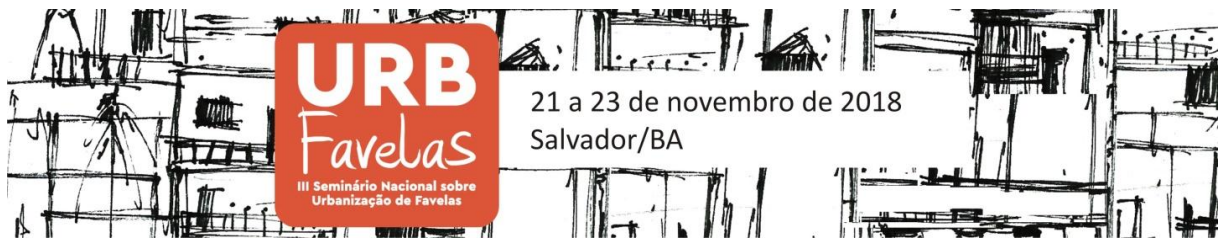
Ao longo dos anos, a transformação urbana de Maceió – cidade do nordeste do Brasil – esteve em parte condicionada à retificação e drenagem dos riachos e cursos d’água que marcavam a paisagem do lugar, possibilitando a ampliação de áreas urbanizáveis. No início do século XIX, a cidade tinha destaque pelas atividades comerciais desenvolvidas na região do porto, decorrente da sua situação geográfica que ocupava as regiões da planície litorânea e lagunar. Sua vocação comercial, consonante à formação geomorfológica da cidade, foram as principais definidoras do surgimento da estrutura viária e, especialmente, da distribuição e ordenamento humano no espaço urbano.

Tendo em vista a configuração do relevo maceioense (Figura 01), é possível destacar a grande quantidade de falésias e vales encontrados nas transições das suas duas principais formações geológicas. Esse tipo de composição, em conjunto com o crescimento e urbanização desordenada que ocorreu por volta de meados do século XX, propiciou a ocupação em diversas áreas de risco da cidade.

Figura 01: Mapa da cidade de Maceió com suas principais formações geomorfológicas.



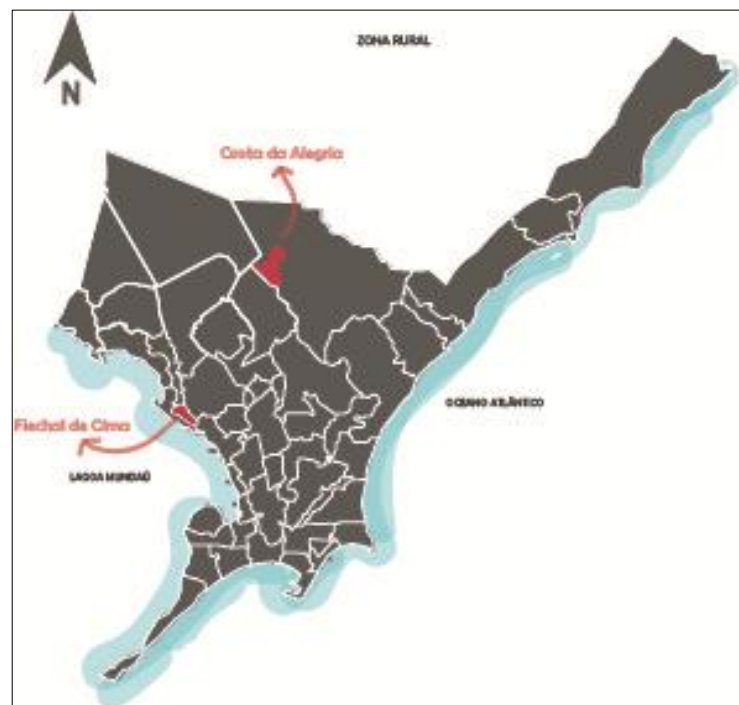
Fonte: Moura, Nascimento (2016).



Estudos recentes realizados para a construção do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) – ainda não publicado – estima-se que a cidade de Maceió possui cerca de mais de 200 comunidades de baixa renda que vivem em estado de vulnerabilidade social, em que, na maioria dos casos, são os protagonistas na estruturação desses locais.

Para tal, foram escolhidas para aplicar diferentes dinâmicas de apreensão as comunidades Flechal de Cima e Grota da Alegria (Figura 02), que possuem contextos e localidades distintas. Nelas, buscou-se estudar as formas mais efetivas para estabelecer o contato e relação com seus moradores, visto a organização interna já estabelecida em cada uma.

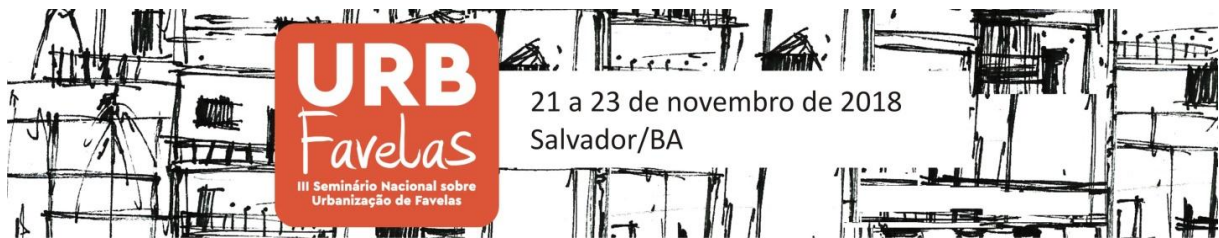
Figura 02: Localização das duas comunidades estudadas: Flechal de Cima e Grota da Alegria.



Fonte: PMM (2001), adaptado pela autora, 2018.

3.1 FLECHAL DE CIMA

Neste contexto de ocupação em áreas de risco, encontra-se a comunidade Flechal de Cima, popularmente chamada de “Quebradas”, com uma área equivalente a 64.339m², perímetro de 1.856m, possuindo cerca de 1.607 habitantes, distribuídos em 460 domicílios permanentes (IBGE, 2010). Está localizada entre as ruas Dr. Oswaldo Cruz e Faustino Silveira, no bairro Chã do Bebedouro, cerca de 7km de proximidade com o bairro do Centro.



A comunidade ocupa uma área de encosta que chega até 36% (trinta e seis por cento) de declividade, caracterizando-se, segundo o Art. 3º da lei nº 6766, que dispõe sobre Parcelamento do Solo Urbano (BRASIL, 1979), uma área não urbanizável. Ainda, as habitações encontradas no local são constituídas por alvenaria rebocada, em sua maioria, e em taipa.

Porém, muito além das informações quantitativas que é possível obter da área, busca-se caracterizar o espaço habitado a partir das relações pessoais que nele existem. Logo, durante as visitas à comunidade foram adotados métodos com o intuito de facilitar o entendimento dos vínculos que existem no espaço, bem como possibilitar a familiarização com as pessoas do local, construindo relações com os moradores de confiança e igualdade.

As três abordagens escolhidas foram realizadas em escalas e com usuários de perfis distintos. A história oral direcionada e contada pelos adultos da comunidade, a segunda dinâmica sendo realizada com as crianças a partir de desenhos da forma como elas veem e representam o espaço. E por fim, a interação dos jovens com a maquete reduzida do local.

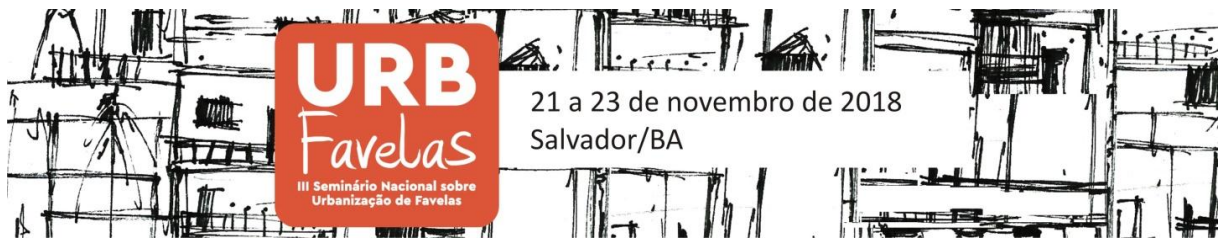
3.1.1 História oral

Nas primeiras visitas à comunidade não foi permitida a entrada com equipamentos eletrônicos que pudessem registrar ou gravar o espaço ou mesmo as entrevistas realizadas com os moradores. Assim, os primeiros registros da área foram feitos por meio de anotações, alguns croquis esquemáticos de reconhecimento do espaço e a partir da memória sensorial da autora.

Durante as entrevistas, buscou-se conversar com os moradores mais antigos a fim de entender as relações construídas com o espaço, a partir da história oral – principal fonte de informações – contada por eles. O diálogo foi conduzido de forma a não induzir a resposta dos moradores, mas sim procurar entender a partir das histórias contadas o vínculo criado com o local. Logo, perguntas diretas e objetivas foram evitadas, dando margem a explanação de questões subjetivas que permearam durante o colóquio.

A partir desses momentos, foram traçados: os fluxos, os medos, as medidas de sobrevivência, a caminhabilidade, as brincadeiras, a legitimidade, entre outros aspectos subjetivos interligados ao lugar. E assim, compreender melhor a área sob a ótica dos usuários.

3.1.2 Memória no papel



Durante a visita do dia 14 de outubro de 2017, foi realizado um encontro na comunidade, com o intuito de promover atividades de investigação das dinâmicas cotidianas dos indivíduos cujo o público alvo foram as crianças e jovens do local. Por ser um sábado, a maioria dos moradores encontravam-se em suas residências observando e interagindo da porta de suas casas com a movimentação que ocorria.

Num primeiro momento, foi solicitado às crianças que elas representassem através de desenhos ou palavras lembranças boas que construíram a partir de vivências na comunidade e/ou atividades que elas realizavam cotidianamente no espaço, buscando compreender a percepção individual e a sensibilidade infantil para com estes espaços de uso coletivo.

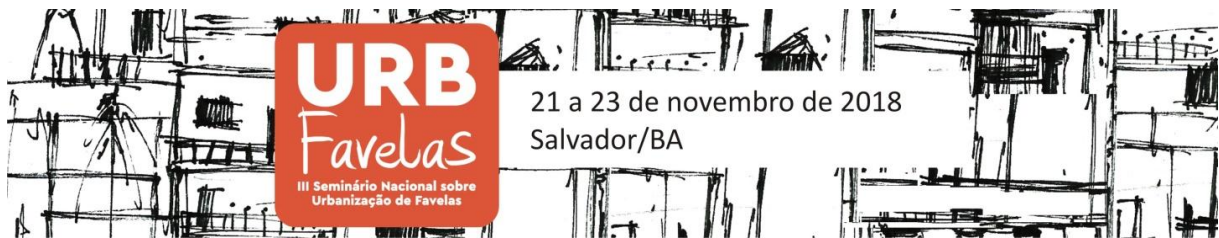
Figuras 03, 04 e 05: Crianças durante atividade “Memória no papel”.



Fonte: Leandro Marques, 2018.

Durante a atividade, cerca de quinze crianças participaram da dinâmica, e expuseram a partir de seus traços os afetos construídos com o local. Nos desenhos foi possível constatar que a principal atividade que eles realizam no espaço são as brincadeiras cotidianas e as relações de vizinhança que foram criadas.

O divertimento das crianças retratados envolve: jogar bola com os amigos, soltar pipa, brincar de boneca, carrinho, brincadeiras de correr, entre outros. E os principais espaços usados para essas atividades são as calçadas/vias em frente de suas casas, e o espaço livre aberto, que teve origem por causa do desabamento de uma casa, e hoje encontra-se sem nenhuma edificação.



3.1.3 Maquete do local

Com o propósito de compreender espacialmente as formas de ocupação e os percursos dos usuários na área de estudo, foi levada uma maquete reduzida do local para facilitar a interação dos moradores.

Figuras 06 e 07: Jovens interagindo na dinâmica com a maquete física.



Fonte: Leandro Marques, 2018.

Nesta maquete, além da precisão na representação da topografia, buscou-se destacar as principais vias que contornam o assentamento, as moradias e acessos da rua Dr. Oswaldo Cruz e as casas (em preto) da comunidade.

A atividade foi realizada com alguns jovens do local, e inicialmente procurou-se explicar os principais elementos da maquete: suas casas, as duas principais ruas que contornam a comunidade, a Escola Estadual Miguel Guedes e seus acessos. A partir disso, os meninos começavam individualmente a narrar suas experiências mostrando na maquete e apontando também em escala real os principais percursos que faziam, quais caminhos eram evitados e o porquê, como e onde usavam o espaço. Assim, foi possível desenvolver representações gráficas de seus deslocamentos no espaço, como visto a seguir:

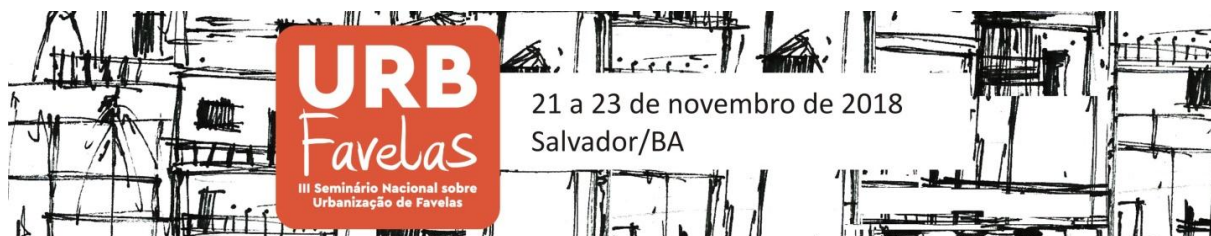
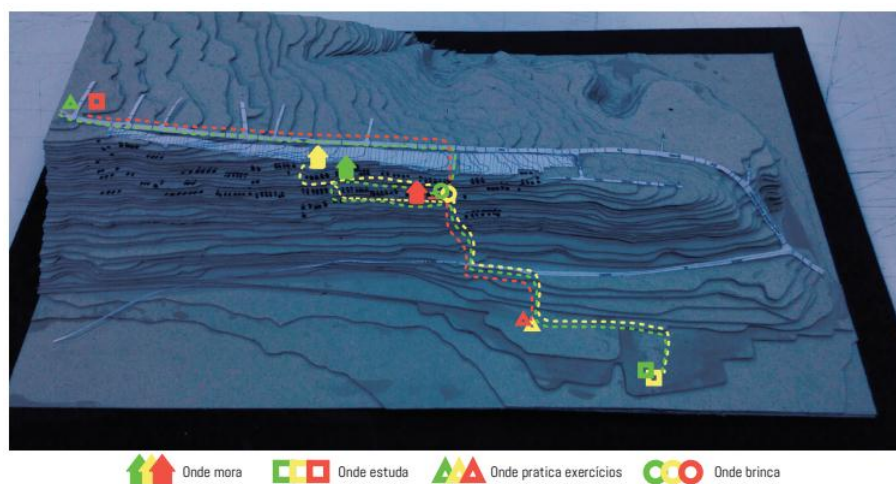


Figura 08: Representação gráfica dos percursos descritos pelo jovem Silvanio, João Victor e Jonathan morador da comunidade.



Fonte: Freitas, 2018.

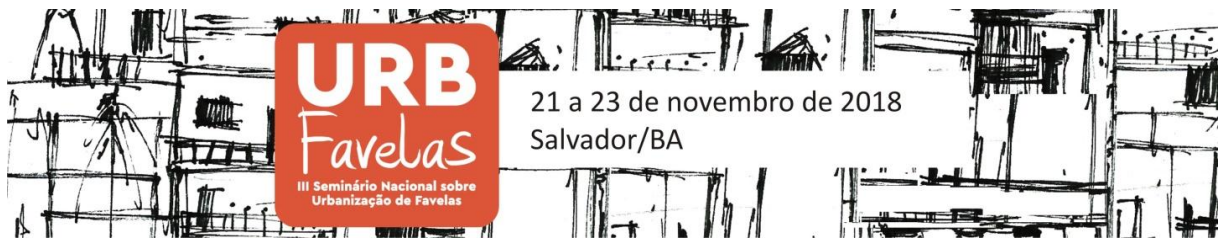
Além disso, percebeu-se a partir das interações dos meninos com a maquete, que suas principais formas de usar o espaço são de lazer e passagem. As chamadas “linhas” são usadas nestas duas funções, embora apresentem deficiências de qualidade no espaço, sendo muito estreitas e com ausência de guarda-corpo.

Outro espaço que merece destaque é a área aberta, comentada por Silvanio e João Victor, que por ter condições mais propícias a brincadeiras que exigem mais movimentação, é cotidianamente usada pelas crianças da região para realizar atividades de lazer.

Por fim, foi pontuado a relação que a Cruz exerce sobre espaço, criando uma outra dinâmica para a localidade, onde os próprios residentes sentem-se inseguros em percorrer certos trechos, evitando passar pelos seus acessos, como também o próprio espaço que se configura morfológicamente para repelir o usuário, com degraus de alturas variadas e bem acima do adequado.

3.2 GROTA DA ALEGRIA

O estudo foi desenvolvido em um recorte de aproximadamente 500 metros de extensão, em uma das principais ruas de acesso à grota da Alegria, conhecida como rua São Benedito. Seu trecho chega a ter uma inclinação máxima de 24,4% em sua parte mais íngreme, engloba



70 moradias e uma estimativa de 237 moradores, considerando uma média de 3,39 pessoas por habitação (IBGE, 2010).

Durante as primeiras idas na comunidade, buscou-se interagir com seus residentes através de conversas casuais, realizadas por vezes na porta de suas casas, sobre os aspectos históricos de formação do local. Segundo estes, o trecho deriva da ocupação de uma grande fazenda, abandonada logo após a morte de seu dono, que atualmente compreende parte da maior área poligonal dos aglomerados do IBGE de toda a cidade, tendo a grota da Alegria, cerca de 0,06 quilômetros quadrados de área, o equivalente a 6 hectares.

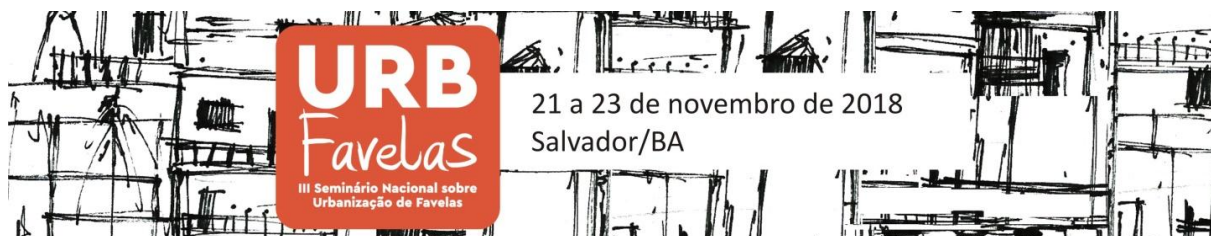
O método de abordagem foi se modificando com base nas informações coletadas em campo, sendo direcionado pelo que se considerou ser necessário para uma complementação de informações e um fortalecimento do vínculo com a comunidade local. Para tanto, utilizou-se: História oral, direcionada à gêneros e idades distintos; Alegria na gente, que funciona através da mídia *Instagram* e busca abranger uma maior variedade do tipo de público; Árvore dos sonhos, direcionada a faixa etária infantil; Quanta luz há em uma vela? idealizada pela autora e direcionada a faixa etária adulta; A Maquete física, direcionada à faixa etária infantil e que proporciona localizar espacialmente desejos e propostas dos usuários do espaço e; Intervenção física, que contou com a participação majoritária de crianças.

3.2.1 História oral

As primeiras visitas foram acompanhadas do líder comunitário local, intencionando sentir sua ambiência e ganhar a confiança de seus moradores. Nestas, foram realizadas entrevistas com a metodologia da história oral, na busca por compreender aspectos ligados à afetividade com o espaço e com a moradia, bem como, a identificação dos problemas enfrentados por seus usuários e as características que possuíam suas casas e a condição de habitar. Portanto, sempre que possível adentrou-se na morada do entrevistado, afim de perceber a configuração espacial presente, entre demais aspectos subjetivos interligados ao lugar.

3.2.2 Alegria na gente

A dinâmica intitulada *Alegria na Gente*, consiste em uma conta na mídia social Instagram, que funciona como um canal de comunicação entre os usuários do trecho em estudo



na Grota da Alegria. Além de comentar em fotografias, vídeos e enquetes estes poderiam enviar sua própria mídia digital com a finalidade de compartilhar seu olhar e opiniões.

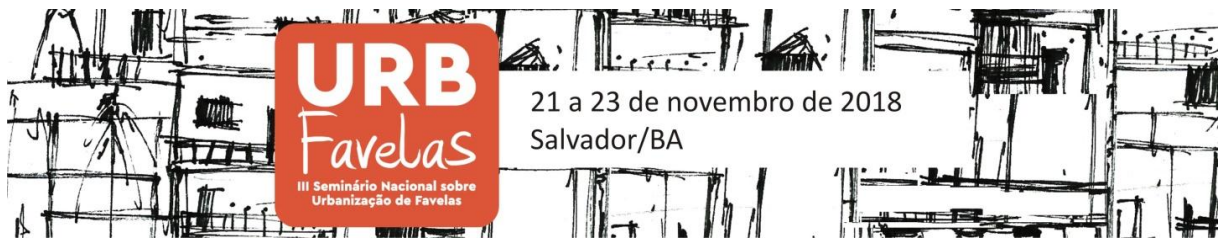
Figura 9: Legenda das imagens: 9.1: Visualização da rua São Benedito, de terra batida e cheia de declives e buracos; 9.2, 9.3 e 9.5 :Visualização das águas poluídas do rio Jacarecica após passar pela macrodrenagem 9.4: Visualização de uma criança, moradora do trecho estudado, carregando peso para a lavagem dos porcos; 9.6: Visualização da Margem do córrego poluído.



Fonte: Corado, 2018.

Com o alcance de 62 seguidores, denominação dada aos usuários virtuais passíveis de interagir com a página, a dinâmica objetivou a análise dos espaços, realizada através da percepção fotográfica do próprio morador, que utiliza de seu aparelho celular pessoal para registrar uma percepção sensorial particular com o local. Possibilitando estabelecer um diálogo da autora com a comunidade, bem como da comunidade com ela mesma, abrindo um espaço ainda que virtual, para enxergar e debater opiniões com pessoas que compartilham diariamente de vivências de seu espaço.

Através de divulgações, solicitando a estes, o envio de fotografia de aspectos positivos ou negativos sobre a paisagem, foram recebidas e postadas na página, ao todo foram seis imagens ilustrando problemas variados, como: poluição, mal cheiro, falta de pavimentação e trabalho infantil. Jéssica Feliciano, moradora local, enviou a fotografia da figura 9.6,



comentando “Por incrível que pareça. Essa é nossa moradia um verdadeiro lixão, vamos melhorar”. De um modo geral, os problemas estavam vinculados a falta de infraestrutura local, que tornam-se elementos táteis e visíveis presentes na vida do cidadão.

Além disso, o espaço virtual fomentou a primeira intervenção física, ainda que efêmera, no ambiente comum. A ideia surgiu a partir da vontade de um morador em realizar algo que pudesse ter relação ao dia das crianças, visto que estes eventos nunca tinham ocorrido de fato nos espaços acidentados da grotá. Tal aspiração, suscitou em uma enquete na página, possibilitando haver um maior número de opiniões sobre o evento.

Com o ânimo e interesses demonstrados pelos moradores da rua São Benedito, foi possível desenvolver uma ação do dia das crianças junto a própria comunidade. Foram muitos os envolvidos para que o evento acontecesse da melhor maneira possível, desde a mobilização para doação de brinquedos, até as divulgações e planejamento das atividades desenvolvidas, contando com um forte apoio de moradores que se propuseram a monitorar as brincadeiras e ajudar a interagir com as crianças, liderança comunitária que articulou equipamento de som, a empresa de ônibus Real Alagoas que possui um terminal de ônibus no entorno imediato, que contribuiu com a doação de brinquedos e alunos da universidade federal de Alagoas, que se interessaram em se envolver e ajudar.

Figuras 10, 11 e 12: Fotografias referentes as brincadeiras de cabo de guerra, dança da cadeira e corrida de saco, respectivamente.



Fonte: Carneiro, 2018.

Cerca de 80 crianças puderam não apenas receber brinquedos, dentro do lugar onde habitam de fato, como se apropriarem das áreas livres do trecho para exercerem atividades diferentes das que estão habituadas no dia a dia. A ação ocorreu por toda a parte da manhã e



começo da tarde, iniciando às 9 horas e se encerrando às 13 horas. Além da utilização do espaço comum, colaborou para aproximar a autora dos moradores, havendo o fortalecimento da relação de confiança existente entre as partes, fundamental para as dinâmicas que se seguiram.

3.2.3 Árvore dos sonhos

Realizada com crianças na grota da Alegria, durante a ação do dia das crianças. A dinâmica, foi recebida como uma brincadeira, onde meninos e meninas pediam para participar quando viam seus colegas esboçando seus sonhos no papel. Ao todo, vinte crianças participaram, elaborando desenhos ou frases que pudessem traduzir suas vontades de mudar o lugar, todas sem exceção evidenciaram o desejo de um local destinado ao lazer.

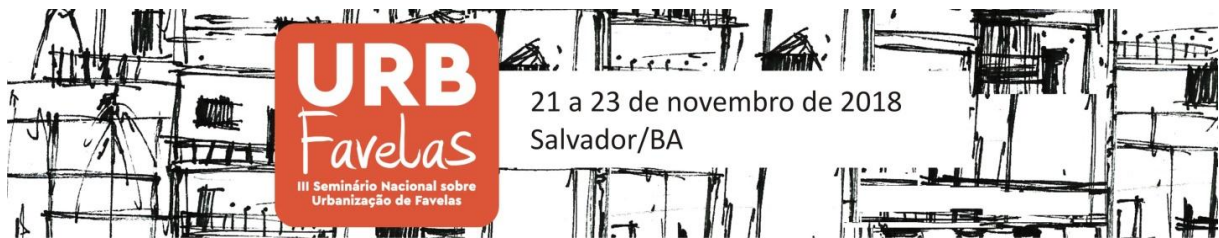
Figura 13 e 14: Fotografias referente a Árvore dos Sonhos, dinâmica realizadas no dia das crianças no trecho em estudo na grota da Alegria.



Fonte: Carneiro, 2018.

Através da dinâmica foi possível comprovar a vontade que estes detêm em possuírem um espaço destinado ao lazer dentro da grota da Alegria. Entre os 20 desenhos elaborados, 16 representaram referências de parques e praças, ilustrando espaços verdes equipados com mobiliários destinado ao estar e ao lazer, com elementos como árvores, bancos, pula-pula, piscina ou brincadeiras que estivessem vinculadas aos mesmos. Os outros 4 desenhos, apesar de não se referirem ao espaço comum, representavam sentimentos como amor ou mesmo brinquedos como carrinho de corrida.

3.2.4 Quanta luz há em uma vela?



“Quanta luz há em uma vela?” é uma ferramenta metodológica idealizada pela autora com foco em adultos, buscando confrontar os dados adquiridos com crianças durante a dinâmica “Árvore dos Sonhos”. Seu nome busca evidenciar que uma vela por si só não é passível de iluminar qualquer coisa, a menos que alguém se disponha a acendê-la. Sendo assim, a dinâmica esta baseia em três pontos principais: Espelho cidadão; Ajudador consciente; e auto descobridor.

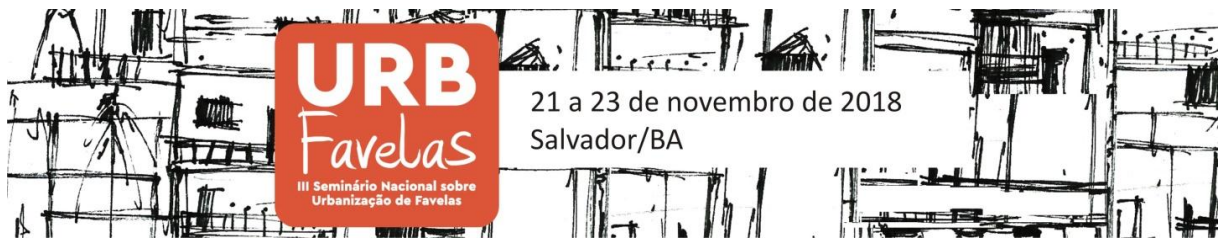
Durante a primeira etapa, os moradores não pensaram em outro local da cidade que gostaria de habitar. Isso porque, segundo eles, todos possuem um forte apego ao lugar morando no mesmo a mais de 25 anos ou desde que nasceram. Além do tempo, os vínculos afetivos estabelecidos reforçam o motivo, já que aqueles que não possuíam membros da família instalados na grota, estabeleciam com seus vizinhos uma relação similar à familiar.

Posteriormente, a etapa Ajudador-consciente levantou um forte senso de mobilização por parte dos moradores, que citaram como elementos: 1. Saneamento, calçamento, acessibilidade; 2. Segurança para ir e vir sem risco de assalto; 3. Lazer e quadra para jogar bola; 4. Saneamento; 5. Posto Médico, porque não possuem nenhum auxílio médico próximo; 6. Uma academia “simplesinha”; 7. Uma praça; 8. Paz.

Para estas questões, os moradores pensaram como principais soluções tirar partido dos anos eleitorais, afim de melhorar aspectos mais complicados, voltados a infraestrutura, bem como requerer auxílio do líder comunitário para agregar atendimentos médicos mais próximos. Entretanto, também foram pensadas alternativas simples para sanar necessidades de lazer, como limpar os espaços existentes e demarcá-los para se jogar bola. Foi da vontade de uma moradora que o lazer fosse alinhado com a saúde, sendo implantada uma academia pública na área.

Por fim, na etapa auto descobridor, moradores esboçaram surpresa e risada quando seus desejos foram revelados por cinzas de papel, já que anteriormente, tinham-os escrito em um papel branco utilizando a cera da vela. Na sequência, começaram a expressar suas opiniões de forma mais clara, gerando uma grande discussão sobre o trecho da Grota da Alegria pertencente a Rua São Benedito.

Em síntese, conclui-se que semelhante aos sonhos das crianças, os adultos também desejam áreas referente ao lazer e ao convívio e bem estar social, contudo, estes também já possuem desejos maiores, ligados diretamente com segurança, saúde e acessibilidade, problemas mais latentes do lugar. Após este evento, o líder comunitário local conseguiu por



meio de auxílios políticos, que fosse inserido o atendimento semanal de um dentista, um psicólogo e um clínico geral de forma permanente em seu centro comunitário, que engloba não apenas a comunidade da grota, como também seu entorno.

3.2.5 Maquete física

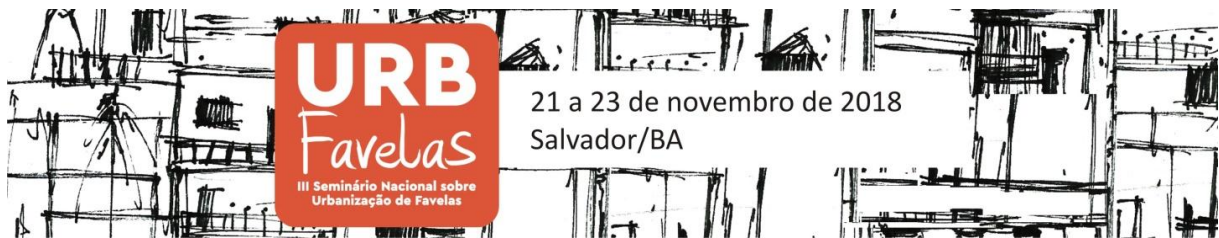
Em um primeiro momento, a dinâmica foi utilizada para discutir quais modificações, dentre os desejos compreendidos em campo, poderiam ser realizadas com a participação comunitária e seu local de aplicação. Deste modo, foi aplicada em um pequeno grupo de quatro mulheres e um homem que se encontravam reunidas na porta de uma moradia, e em um grupo de nove crianças, com idade entre 4 e 9 anos, que chegaram a um acordo de que o objetivo da intervenção seria a implantação de elementos que configurassem uma praça, proporcionando o lazer e o convívio da comunidade.

Figuras 15 e 16: Dinâmica de localização de desejos na maquete física do terreno escolhido para realizar a intervenção.



Fonte: Carneiro, 2018.

Com isto, autora elaborou uma maquete do terreno sugerido para a realização da intervenção, onde os moradores puderam propor elementos físicos e localizá-los espacialmente. Foram indicados elementos como: escorregador, pula-pula, balanço, bancos, árvores, plantas, carrinhos e piscinas - todos já tinham sido identificados através da metodologia da “Árvore dos sonhos”. Além, de banheiro, biblioteca, aviãozinho de brinquedo, pinturas nas paredes locais, lixeiros, bonecas, trave de futebol, índios e letras do alfabeto. Porém o elemento que mais chamou atenção foi o anseio de Adriano de 7 anos, que enfatizou a utilização da praça pelas pessoas.



A princípio, durante a aplicação da metodologia, optou-se por não descartar nenhum dos elementos pensados para a praça, sendo definidos materiais versáteis, que serviriam como foco da procura para priorizar os equipamentos no dia da intervenção de acordo com a viabilidade. Todos seriam responsáveis por tentar encontrar: tábuas de madeira, pneus, tintas e mudas de plantas, além de recorrerem a materiais de construção, limpeza e jardinagem que já possuíam em suas casas ou locais de trabalho. Possibilitando que o processo se concentrasse na reciclagem e aproveitamento de materiais, o que o caracteriza com pouco ou nenhum custo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

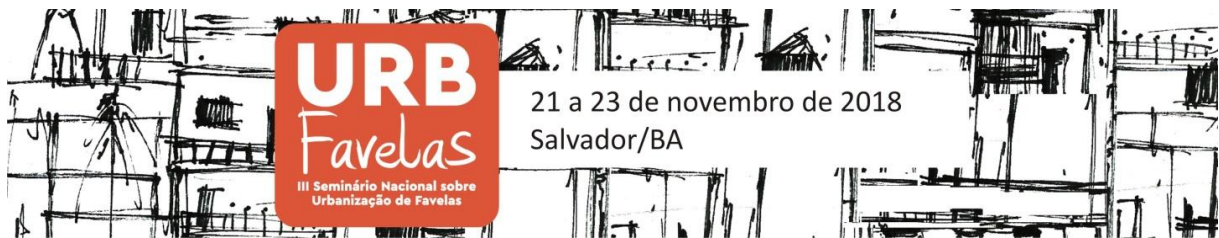
Diante das dinâmicas expostas, foi possível perceber características específicas das formas de apropriação e do sentido de pertencimento que os moradores construíram nessas áreas. Com isso, diversas perspectivas e possibilidades de intervir nelas podem ser pensadas, em conjunto com a ação efetiva de programas sociais existentes e políticas públicas atuantes para as melhorias e contribuições de um habitar aprazível e digno.

Figuras 17,18 e 19 e 20: Intervenção realizada no trecho em estudo da Grota da Alegria.



Fonte: Carneiro, 2018.

Embora na comunidade Flechal de Cima ainda não exista uma liderança ativa atuante, seus moradores constroem e modificam diariamente o espaço. Possibilitando, que em conjunto com programas sociais, trabalhar em espaços como este, conferindo-lhes visibilidade e protagonismo nesta mudança. Assim, foi elaborado um caderno com propostas de melhorias e intervenções para serem realizadas no espaço (a curto, médio e longo prazo). Com este material, tem-se a intenção de elucidar as potencialidades do lugar, bem como mobilizar seus moradores pela busca da construção de um espaço com mais qualidade e dignidade.



Já na grota da Alegria, por esta possuir uma liderança comunitária ativa, a transfiguração física de um espaço inutilizado em uma pequena praça, tornou-se factível. Através de materiais reaproveitados e doados, foi possível a construção de um deck, uma mini biblioteca, três bancos, um pula-pula e a plantação de dez mudas de árvores, além do banheiro que já havia construído no local, incrementando na realização de uma espaço de convívio que atendesse aos requisitos das propostas de projeto anteriores. A transfiguração do espaço se transformou em uma grande brincadeira, e mesmo após o trabalho de execução da praça, as crianças não queriam deixar o local, o que já demonstra pequenos traços da modificação da dinâmica ocorrida no trecho.

Assim, é possível entender favela como espaço fragmentário e de constante construção, em que a busca de sua compreensão é um exercício árduo que demanda dedicação e sensibilidade. Ter a consciência de que o papel social do arquiteto urbanista transcende os limites do planejar, é compreender que a apreensão de áreas precárias e de risco, possibilita a construção conjunta e um conhecimento mais amplo acerca das particularidades existentes nestas realidades.

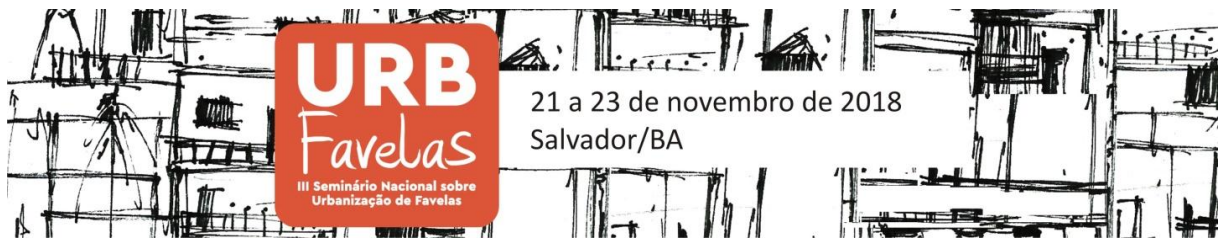
REFERÊNCIAS

BERTAZZO, Ivaldo; VARELLA, Drauzio; Jacques, Paola Berenstein. **Maré, vida na favela**. São Paulo: Casa da Palavra, 2003.

BLANCHOT, Maurice. **L'écriture du désastre**. Paris, Gallimard, 1980.

BRASIL. Lei n. 6.766, de 19 de dezembro de 1979. Dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e outras Providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 19 de dez. 1979. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16766.htm>. Acessado em: fevereiro de 2018.

BRASIL, Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação. **Assentamento Precários no Brasil Urbano**. Brasília: MCidades, Secretaria Nacional de Habitação São Paulo: Cebrap/Centro de Estudos da Metrópole, 2007c.



CARNEIRO, A. K. B. C. *Aqui Também Mora Gente: Humanização do espaço no trecho da Grota da Alegria no bairro do Benedito Bentes, Maceió/AL*. 2018. Trabalho final de graduação (Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

FREITAS, A. J. de C. *Traçando Afetividades: apreensões e intervenções nas Quebradas, no bairro Chã do Bebedouro, Maceió/AL*. 2018. Trabalho final de graduação (Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: ><https://www.ibge.gov.br/geociencias-novoportal/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio.html>>. Acesso em: 12 abril. 2018.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MOURA, L. R. D. de; NASCIMENTO, V. S. *Maceió Urbana: estudo e síntese*. Trabalho acadêmico desenvolvido na disciplina de Projeto de Urbanismo 1, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFAL. Maceió, 2016.

PIZARRO, E. P. **Interstícios e interfaces urbanas como oportunidades latentes: o caso da favela de Paraisópolis**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROLNIK, Raquel. *Regulação urbanística no Brasil: Conquistas e desafios de um modelo em construção*. In: **Anais do Seminário Internacional: Gestão da Terra Urbana e Habitação de Interesse Social**, PUC-CAMP, 2000.

_____. **Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. São Paulo: Boitempo, 2015.